

Época de Horta, Pomar e Jardim

Ana Angélica (Professora de Classe do 2º Ano)

“A pá que eu enterro
é mão de ferro
Vira, revira, revolve a terra
Com uma pancada a terra
é cortada
Com a força da enxada
Com ela eu desfaço
torrões muito duros...”
Ruth Salles

(Trecho declamado durante a parte rítmica da aula)

Em abril, iniciamos a tão aguardada Época de Horta, Pomar e Jardim. Enfim, chegou a hora de colocar a mão na terra. É a sexta vez que tenho a honra de acompanhar um grupo de crianças nessa vivência maravilhosa. Olhar, observar atentamente, cuidar, acompanhar o poder, a potência de vida que pulsa sob nossos pés, na Mãe Terra. Sentir a presença marcante dos ciclos da natureza, dos ciclos desse reino tão silencioso que é o mundo vegetal.



Começamos a Época observando, pisando descalços na terra e tateando sua secura e dureza. Depois, com uma grande enxada, maior que a maioria das crianças, cada uma pôde medir a força necessária para cortar esse duro solo, perceber a melhor posição das mãos no cabo da enxada, a distância necessária e segura da parte cortante. Lindo e emocionante vê-los na tentativa de dominar e controlar esse novo instrumento. Alguns alunos mal conseguiam suportar seu peso e segurá-lo; outros pareciam tão hábeis e familiarizados com ele. No tecer pedagógico, essa aparente simples ação de usar um novo instrumento carrega, por si só, uma infinidade de práticas, objetivos e habilidades imensuráveis na vida e desenvolvimento de nossas crianças, tão urbanas. Quantas disciplinas envolvidas nessa atividade:

- Habilidade de controlar o impulso de movimento e direcioná-lo para um objetivo específico.
- Habilidade de dosar a força necessária para movimentar a enxada.
- Habilidade “visuomotora” – capacidade de acompanhar com o olhar o movimento necessário para atingir o correto espaço: um olhar que orienta o movimento.
- Habilidade de concentrar-se para não acertar ninguém com a enxada – e tampouco ser acertado por ela.



- Habilidade de aprender com o colega, observando sua experiência.

Terra devidamente preparada, hora de plantar as mudas de capim-cidreira, manjeriço, lavanda e “tagetes”, e colocar as sementes na sementeira; apreciar as diferentes formas, tamanhos e cores das sementes de hortaliças; e verificar que cada verdura tem seu tempo de germinação – assim como nós, seres humanos, temos ritmos diferentes de aprendizagem, de desenvolvimento e de trabalho.

Outro grande aprendizado dessa Época foi o tempo de esperar. Foi preciso esperar e cuidar: regar delicadamente com o borrifador o berço das plantas, colocá-las em um lugar que tivesse luz e calor, e se maravilhar com os novos e delicados brotinhos. Quanta alegria ver aqueles pontinhos verdes rompendo a terra, quanta vida a brotar. Quando cresceram o suficiente, plantamos as pequenas mudinhas em nossa horta. E, de novo, cuidar e esperar!

Elas cresceram muito, plantas e crianças! Alegrias inesquecíveis! Professores, colaboradores e famílias puderam saborear um pouco do manjeriço da Horta do Segundo Ano. Parabéns, crianças, pelo lindo trabalho!



Habitações - 2023

Lúcia Sarubala (Professora de classe do 3º ano)

A época das Habitações era aguardada pelo 3º ano com grande expectativa; afinal de contas, todos que já visitaram a Exposição Pedagógica ficaram encantados com as casinhas construídas pelos alunos.

Com muita alegria e olhos brilhando, os alunos aprenderam sobre o clima das regiões do planeta e o relacionaram com a matéria-prima abundante local, compreendendo como o ser humano usou desta sabedoria para construir seu abrigo, conforme a sua necessidade e cultura. Eles ficaram encantados com os diversos tipos de moradia, tais como palafitas, chalés, yurts, casas de pedra, pau a pique. Mas o que realmente os encantou foram as casas ecológicas e suas possibilidades de formato e capacidade de respeitarem a natureza.

Assim, munidos de conhecimento e muita vontade, eles desenharam

suas casas, fizeram o croqui do terreno, a planta, lista de material e começaram, em sala de aula, a concretizar suas ideias. Quer saber como elas ficaram? É só visitar a sala do 3º ano da Exposição Pedagógica e Bazar deste ano!



Estágio Social

Karina Muniz (Tutora do 12º ano)

“Que sejamos sempre capazes de viver tudo o que há de sagrado em cada instante.”

Gibran Khalil Gibran

Prestes a completar o ciclo escolar, os alunos do 12º ano puderam experienciar diferentes maneiras de atuar no mundo. Acolhimento, amor e vontade foram percepções compartilhadas pela turma durante essa linda semana!

Neste ano, o Estágio Social aconteceu em duas instituições: passamos quatro dias visitando e participando de atividades e oficinas na Associação Monte Azul e encerramos na Associação Beneficente Parsifal.

Na Monte Azul, começamos com a apresentação da história da instituição, bem como seu desenvolvimento no decorrer dos anos e suas frentes de atuação. Os estudantes conheceram e colaboraram, durante três períodos, nos projetos Nossa Ciranda (atividades artísticas e recreativas para crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, oferecidas no contraturno escolar), Caminhando Juntos (oficinas artísticas e artesanais e atividades esportivas para pessoas com defici-

ência intelectual a partir dos 15 anos e suas famílias), Infância Querida (ambiente acolhedor e confortável que proporciona a formação básica de crianças de 0 a 3 anos), Escola de Música (aulas de instrumentos de cordas e atividades lúdicas e artísticas para crianças e jovens de 9 a 21 anos) e Tecendo o Futuro (cursos e oficinas de capacitação).

Após vivenciarem tantos momentos ricos de trocas e calor, os jovens tiveram um dia de ação na prática: revitalizar uma sala de aula e a área de recreação do Núcleo Peinha. As áreas foram pintadas e ganharam lindas artes feitas pelos alunos. Deixo aqui um agradecimento especial às famílias que contribuíram com doações foram essenciais para que este trabalho pudesse acontecer!

No último dia, iniciamos o processo de revitalização do anfiteatro do Centro Cultural raspagem e lixagem das paredes e tivemos duas rodas de conversa: uma com o coordenador de voluntariado Douglas Gomes, quem nos recebeu e organizou o cronograma de atividades; outra com a D. Ute Craemer, fundadora da instituição e exemplo de ser humano de luz, bondade, força de vontade e ação!

Encerramos o estágio passando uma manhã muito especial na Associação Beneficente Parsifal, onde

participamos do verso da manhã com as crianças e professoras da escola; compartilhamos um momento musical bastante emocionante com os adultos e professores das oficinas; conhecemos um pouco do que é feito na instituição, numa apresentação preciosa feita pela querida Maria Regina Redondo, coordenadora geral da instituição.

Foi uma semana de muito aprendizado e ressignificação de valores, onde pulsou, em cada um de nós, a certeza de que com amor, parceria, acolhimento, conhecimento e boa vontade, podemos colaborar para a construção de um mundo melhor.

Segue o depoimento de uma aluna:

“Ao conhecer outras vidas e histórias, me preencho e me encontro em mim. Fui capaz de ver e ser vista. Abri os braços para abraçar e me vi abraçada por rostos desconhecidos e almas puras.

Não existe um único ser, não existe único caminho para alcançar.

Em momentos que enxergamos somente as mortes de cada dia, foi um alento ver a vida lutar pela vida.

Que sejamos mais humanos, que sejamos mais vida.”

Isadora Ferreira Braun



Viagem à Ilha do Cardoso

Ana Pezzutto (Professora de Classe do 5º ano)

O 5º ano é repleto de vivências intensas e, já no primeiro dia de aula, ao contar aos alunos sobre os Projetos Pedagógicos que desenvolveríamos ao longo do ano, a viagem de Estudo do Meio (Ilha do Cardoso) despertou a maior expectativa entre todos!

Esse Projeto tem vários objetivos pedagógicos: é a primeira viagem do grupo por um período mais longo; o convívio social é intenso; a oportunidade de observar na natureza os conteúdos estudados em sala de aula; aprender sobre a importância dos ecossistemas ali existentes e, principalmente, caminhar no manguezal “atolando” e se sujando na lama.

Finalmente o mês de setembro chegou, e nos dias 26, 27, 28 e 29 partimos para viver essa nossa grande aventura.

Os depoimentos dos alunos revelam o quanto foi intensa a nossa vivência.

“A coisa que eu mais gostei foi ver golfinhos pulando ao lado do barco quando estávamos indo para a Ilha e procurar plânctons...” (Carolina)

“Nossa primeira viagem com a Escola. Eu sentia que estava em um filme, e queria aproveitar o máximo que eu conseguisse. Eu sabia que aquele seria o momento que guardaria para a vida toda (que demais!) [...]” (Clarissa)

“Adorei a viagem à Ilha do Cardoso. Lá fizemos várias coisas, como estudar, aprender, nos divertir, brincar e várias outras coisas.” (Giulia)

“Enquanto a viagem era o momento para estudar e aprender sobre os ecossistemas e a Botânica, eu vi que também era um momento, em muita gente, de desenvolver mais a união uns com os outros. Inclusive eu.” (Helena)

“Quinta-feira foi legal. A gente foi no manguezal. Nós entramos e foi um desafio muito sujo e fedorento, mas valeu a pena.” (João Eduardo)

“Sexta-feira foi o último dia. A gente foi tomar café, depois arrumar os quartos e ir embora. Essa viagem foi muito, muito maravilhosa. Eu amei.” (Letícia)

“Tudo começou com a espera na Escola. Nos despedimos dos pais e fomos para o ônibus. Nos apresentaram os guias que iriam com a gente: a Gabi e o Felipe (superlegais). No ônibus, todo mundo (quase todo mundo, não contei quem estava cantando) cantou a música de Ogum, de São Micael e muitas

outras. Depois, alguns desenharam, outros escreveram, outros cochilaram, outros leram e outros conversaram. Eu li, desenhei, conversei (e muito!), joguei STOP e cantei.” (Luísa)

“[...] a praia estava incrível, a comida era ótima e lá era incrível, parecia um paraíso. Amei a cachoeira, de coração, e também o manguezal, o costão rochoso e o café da manhã.” (Maria Antonia)

“[...] no terceiro dia nós fomos ao manguezal e atolamos na lama. Foi muito divertido e depois nos lavamos no canal. Mais tarde, teve uma conversa sobre os tipos de pesca que são praticados na ilha. Fomos pescar e o Israel pescou dois pariquera-açu e um baiacu. À noite, nós dançamos fandango e fomos dormir.” (Martin)

“Eu achei que ir para a Ilha do Cardoso foi um desafio, não só para mim, acho que para todos. Um verdadeiro desafio de São Micael: o manguezal, a trilha da cachoeira, ir para a praia à noite sem lanterna [...] nessa viagem, pela primeira vez, vi golfinho. Não era só um, eram vários, foi muito mágico. Na minha opinião, nossa classe se uniu mais [...]”. (Olivia)

“Foi divertido. Eu acho que todo mundo gostou... Tá, vamos falar da viagem: tudo foi divertido, literalmente, ainda mais o manguezal, o melhor dia na minha opinião [...]”. (Pedro)

“Toda a nossa viagem foi ótima, mas tem umas coisas que foram as melhores, como o nosso desfile. Deixe-me explicar, quando a gente saiu do manguezal, estávamos todos enlameados e nos sugeriram um desafio que era fazer um desfile para ver quem estava mais sujo e daí todo mundo começou a pegar a lama que estava na calça e começou a passar no rosto. Um menino perguntou para uma monitora:

– Pode rolar no chão? [...]”. (Sofia)

A viagem do 5º ano à Ilha do Cardoso foi uma viagem incrível. Aprendemos e nos divertimos. Eu adorei, cansei e espero que todas as viagens sejam assim [...]”. (Valentina)

[...] Foi tudo muito incrível, mas umas das coisas que eu mais gostei foi ver os plânctons. E se você nunca foi à Ilha do Cardoso, “superconselho” a você ir!” (Victoria)

Projeto Brasília 11º e 12º anos

Miguel Garcia (Tutor do 11º ano)

Entre os dias 14 e 19 de agosto, as turmas do 11º e 12º anos realizaram a viagem à Brasília, Ceilândia e Chapada dos Veadeiros, como parte de um projeto maior oferecido pelas disciplinas de Artes, Biologia, Geografia e História. Trata-se de uma oportunidade de pensarmos o Brasil a partir da lente dos contrastes.

Contrastes entre o planejado e o espontâneo; entre o natural e o artificial; entre o poder e as resistências; entre passado, presente e futuro. Tudo isso pôde ser um pouco vivenciado pelos alunos e alunas na contemplação da arquitetura moderna de Brasília, na visita importante ao Congresso Nacional, nas vivas ruas de Ceilândia, sob quente Sol do Cerrado na Chapada dos Veadeiros, entre tantas outras experiências naquela semana.

Aspiramos formar jovens capazes de entender e atuar no mundo em diferentes níveis e escalas, inclusive a nacional. Para isso, não basta que esses jovens compreendam a realidade apenas racionalmente. É preciso viver, sentir e experimentar. O projeto e a viagem se tornam, então, instrumentos poderosos para esse amplo conhecimento que, como uma semente, terá como fruto a atuação de nossos estudantes no mundo.





Antropologia e Zoologia

Uma época muito esperada pelas crianças do 4º ano!

Mirna Cristina (Professora de Classe do 4º ano)

Até os 9 anos, a criança ainda se sente muito próxima a tudo o que está à sua volta e ainda não diferencia a sua vida interior dos seres da natureza. Os animais são sentidos e considerados como seus irmãos. Quando chegam ao 4º ano e completam 10 anos, começam a sentir uma separação com tudo que as rodeia. Elas querem conhecer o mundo externo e descobrir a sua própria relação com ele.

Durante a época de Antropologia e Zoologia, as crianças do 4º ano da nossa Escola puderam sentir a essência da relação entre o ser humano e o animal; e, por meio das narrativas, das observações e dos textos produzidos coletivamente, perceber as características e qualidades do ser humano. Ser este que contém em si a vida, que se eleva acima das plantas e das rochas e que se diferencia dos animais, pois caminha com seu corpo ereto e tem uma magnífica visão do mundo. Escutaram sobre ele, observaram o caminhar das demais crianças e, com isso, escreveram sobre sua majestosa e tranquila

cabeça, que traz consigo as janelas da alma.

Ouvir que os raios luminosos das estrelas estão em nossos membros encantou as crianças. Porém, a expectativa de ouvir, escrever, desenhar e colocar na aquarela os movimentos e as cores dos animais tão queridos era quase incontrolável.

Até que, finalmente, o dia chegou!

Cada uma desenhou no papel o seu animal preferido e, a partir daí, as narrativas sobre as características físicas, as especialidades e o habitat foram ganhando espaço na sala de aula. Os desenhos e textos produzidos para o caderno proporcionaram às crianças um reencontro com os animais que, outrora, foram tão unidos.

A Época culminou com o traba-

lho de pesquisa sobre o bicho escolhido. Seguiram um roteiro e passaram intensos momentos na biblioteca da nossa Escola. Com a ajuda de Dona Vera, cada trabalho foi ganhando forma e conteúdo. O empenho foi grande, e conseguiram colocar as características e as curiosidades dos animais nos acrósticos, poemas e músicas. O trabalho foi coroado com brilhantes apresentações, em que cada criança expressou de maneira pura e viva a história de seu animal.

Quando a Época acabou, sob a condução da nossa professora de Artes, Dona Tatiana, as crianças ainda modelaram o ser humano na argila.

Foi realmente uma Época linda e uma vivência extremamente especial e gratificante.



“Vai, vai, vai começar a brincadeira” O Circo Máximo e Mágico do 6º Ano

Clarissa Marinho Pastor (Professora de classe do 6º ano)

O circo que conhecemos hoje tem suas raízes no Império Romano. Havia, por volta do século VI a.C., o Circus Maximus, onde se apresentavam os engolidores de fogo, os corredores com suas carruagens e, claro, as lutas de gladiadores.

Com o fim do Império Romano e início da Idade Média, muitos artistas populares, sem lugar fixo para suas apresentações, passaram a se

apresentar em praças, feiras e portas de Igrejas. Surgiram, assim, os saltimbancos, artistas viajantes que levavam diversão àquelas sociedades em transformação.

O projeto do Circo está totalmente alinhado com o currículo de História do 6º ano. Além disso, tem por objetivo trazer leveza num momento em que as crianças/jovens passam por transformações, especialmente físicas.

A pré-puberdade é um período de metamorfose do relacionamento volitivo com o mundo. Ao aprender a usar o seu sistema ósseo e ao dominar a mecânica de seus movimentos, o jovem se adapta ao mundo exterior, passa por dentro de si e conquista uma nova relação com o mundo.

A seguir, as palavras da classe acerca dessa vivência:

“O que é o Circo? Circo é exercício de coordenação motora nos malabares, equilíbrio, elasticidade, precisão, experiências engraçadas e cansaço.

Guth e Lopes estão feras nos malabares e nas argolas; Frazão está muito bem no bambolê; Lis e Janaina estão voando no mortal; Lucas, Maria Clara,



Camargo e Catarina estão fazendo sucesso nos pratos.

Clara domina a reversão; Eloah dá tapas como ninguém e é excelente atriz de comédia romântica dramática; Yasmin tem muita flexibilidade e é expert nas cambalhotas. Lethicia também é superflexível! Samuel é excelente na base da pirâmide e está surpreendendo com seus movimentos.

Na palhaçaria, Manu e Lucas dão um show!! Lis e Guth também. Rafael, Renato e Lopes aprenderam a pular na flexão, Maria Clara conquistou a cambalhota, Manu aprendeu a pular corda.

Circo é diversão, aprender a perder a vergonha, superação. Ajuda na flexibilidade, mas pessoas “desalongadas” sofrem mais. É uma experiência diferente, nova e renovadora.”

Estudantes do 6º ano





“Olhai pro Céu, Olhai pro Chão” A Viagem de Astronomia e Mineralogia

Clarissa Marinho Pastor (Professora de classe do 6º ano)

A última etapa da infância começa aos 12 anos. Nessa fase, muitas mudanças ocorrem, tanto físicas quanto emocionais. Chega a maturidade terrena e os jovens passam a ter mais consciência dos limites entre o seu corpo e o mundo externo.

Também é nessa fase que amadurece a capacidade de compreensão interiorizada e a capacidade de vivenciar as causas e os efeitos.

Astronomia e Mineralogia fazem parte das Ciências Naturais e exigem pensamento e causalidade. Antes disso, portanto, exigem observação.

Precisamos olhar para cima e para baixo: para o céu que nos abriga e para a terra que nos sustenta, contemplando esses limites tão mágicos e buscando compreendê-los a partir do olhar atento.

Viajamos, em junho, para Botucatu e Brotas. Os grandes objetivos da nossa viagem foram a observação, a investigação, o levantamento de hipóteses, a apreciação da Ciência, a convivência, o respeito ao outro e à natureza.

“Hoje eu e minha classe fomos viajar! Foi muito legal! Na ida, fui com a Maria Clara no ônibus. Quando chegamos, fizemos uma roda para explicarem as regras e onde cada um ficaria. Depois de guardarmos as malas, fomos para uma capela à beira de uma estrada.” **Catarina**

“Terça-feira, dia 13/6/2023, o dia em que fizemos a viagem para Botucatu. Saímos da Escola e eu estava empolgada para visitar um lugar que nunca tinha ido antes. Pegamos o ônibus e demorou cerca de 3 horas e 30 minutos. Em Brotas, chegamos 10 e pouco, antes do horário previsto.” **Yasmin**

“Hoje acordei umas 4h30 da manhã e tive que acordar minha mãe. Demorei para sair de casa, pois meu irmão ficou enrolando. Cheguei na Escola lá pelas 6h, o que é muito cedo. Eu estava com muito sono; consegui tomar café, e mesmo assim dormi no ônibus.” **Samuel**

“A gente foi para Butucatu, no Refú-

gio Paradiso. Fui no ônibus. Gostei, eu martelei com martelo.” **Lucas**

“Quando chegamos em Botucatu, fizemos alguns combinados: deixamos as malas nos quartos e depois fomos ao mirante. Quando chegamos lá, vimos uma vista linda! Aprendemos sobre arenito e basalto.” **Janaina**

“Fomos de ônibus até a pedreira. Fui ao lado da Caty e tivemos muitos ataques de riso. Mineramos muitas pedras na pedreira. Fiz parceria com o Camargo. Tinha quartzo, ágata e ametista. Foi muito legal. Muito, mesmo!” **Lis**

“Acordamos às 7h com a voz ‘maravilhosa’ do professor Diego. Tomamos café da manhã e fomos para uma escola no bairro Demétria. Na Escola Aitiara visitamos o museu de mineralogia, que foi fundado por Erick Otto Blaich. Vimos várias coisas diferentes, como uma pedra com água milenar, quartzos com diversas cores, pedra formada por espuma, pegadas de chuva e muito mais.” **Maria Clara**

“Dormiram no ônibus. Fui ao museu. Vi as pedras. Foi a hora do almoço” **Manuela**

“Fomos para um museu e vimos muitos, mas muitos minérios incríveis. Eu ADOREI as ametistas. Olhamos coisas raras, leves, pesadas, depois compramos pedras. Fomos para a Fênix, onde reciclamos as coisas da Demétria. Achei curioso, as pessoas foram muito rápidas separando os resíduos.” **João Pedro Frazão**

“Fomos ao Projeto Fênix, onde aprendemos sobre reciclagem. Consegui um teclado que planejo restaurar; na próxima viagem eu conto o resultado. Depois pegamos o ônibus para o almoço, que estava muito bom. Lá conhecemos o Ametista, um gato que apareceu. Decorei a senha do Wi-Fi, um número que nunca vou esquecer.” **João Camargo**

“Fomos ao museu, mas agora não para observar... mas para aprender a fazer tinta natural. Começou com uma demonstração de como fazer, depois fizemos nós mesmos. Cada grupo fez uma cor. A nossa foi marrom mais escuro. Eu me sujei inteira, mas valeu a pena.” **Eloah**

“No ônibus foi dada a notícia de que não íamos acampar em Brotas por conta do tempo que não parava de chover. Mas compreendi. Então ficamos em um lugar bem grande. Eu adorei!” **Clara**

“Conhecemos um



astrônomo. Mostramos as pedras que pegamos na pedreira, construímos um relógio de sol e observamos também as bússolas. Depois fomos lanchar para começar a estudar o planisfério. Depois de tomar banho, fomos jantar e depois fomos para o salão jogar mais pingue-pongue e pebolim, e dormir em seguida.” **Rafael**

“Depois do jantar, fomos observar os mapas do céu, de noite e de madrugada. E depois disso nos dirigimos para o quarto. E para a nossa completa surpresa, encontramos uma vasilha enorme cheia de bolinhos de chuva altamente apetitosos. Depois disso, conversamos no quarto, nos arrumamos e finalmente dormimos como PEDRAS.” **Lethicia**



Teatro 8º ano - 2023

Beatriz Venturinelli (Professora de classe do 8º ano)

O Teatro de Classe do 8º ano é o resultado de um processo pedagógico em que tudo o que foi trabalhado ao longo de oito anos se une para subir ao palco: a poesia, a beleza na fala, a música, a pintura, os trabalhos manuais, as danças... Representa o portal de encerramento do Ensino Fundamental; ritual de passagem que leva o jovem ao mundo do Pensar, à entrada no terceiro setênio.

Esse processo permite que os jovens olhem para si. É preciso perceber e superar dificuldades, fortalecer habilidades, lidar com frustrações, cansaço, e saber apreciar as conquistas; sorrir para os desafios superados, alegrar-se com os passos dados. A jornada também pede que se olhe para o próximo. É preciso deixar os conflitos individuais por um período, e assim escutar, acolher, conversar, tolerar e compreender o outro. O Teatro de Classe é o verdadeiro exercício individual e coletivo.

As *Franjas do Mar* foi a peça escolhida para que os jovens desse 8º ano pudessem passar pelo portal de encerramento. Como tantas Marias, a nossa faz o seu caminho com muita coragem. Enfrenta a tristeza e a dor de crescer. Mas as alegrias e os ensi-

namentos de cada encontro fazem-nos continuar confiante em sua busca. Maria não deixa o Coisa Ruim mudar seu destino: luta e segue confiante na verdade e no amor.

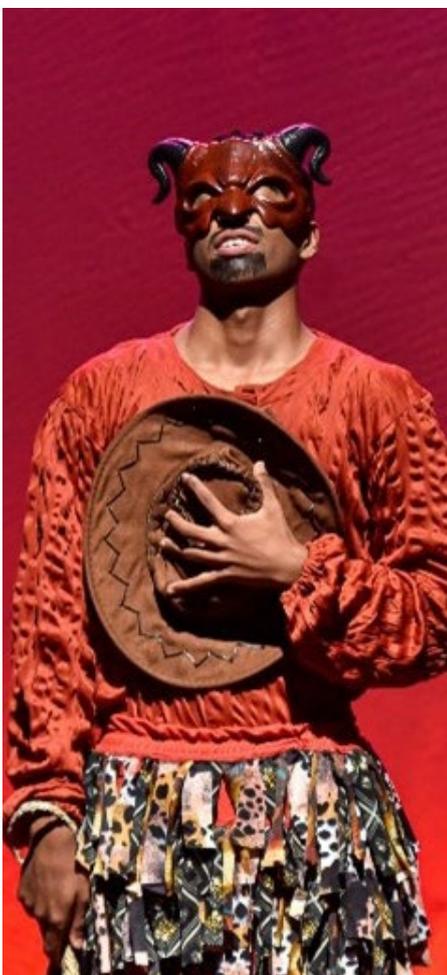
Os jovens nos presentearam com quatro dias de espetáculo!

Contaram à comunidade a bela história de Maria e conseguiram, com maestria, superar dificuldades, lidar com o medo, trabalhar em grupo... Foi muito gratificante vê-los no palco, lembrar como foi o começo do processo, de onde partiram e aonde chegaram. Parabéns, queridos alunos!

Nos bastidores aconteceu um espetáculo à parte. Professores, pais e alunos trabalharam muito. Com disposição e bom humor, fizemos a confecção dos figurinos e dos cenários que compuseram a peça. Na Escola, colaboradores e corpo pedagógico sempre dispostos a ajudar. Muito obrigada a todos!

Que os jovens levem essa experiência para a vida, sabendo que são capazes de se superar, lidar com as dificuldades, que um grupo unido é capaz de transformar e que os encon-

tros nos fortalecem e nos mostram os caminhos para *As Franjas do Mar*.





Capoeira na Escola, sim, Senhor!

Cauê Matos (Professor de Circo), Diego Henrique S. da Cunha (Professor de Capoeira)
Priscila Catelli Dacorso (Professora de Classe do 7º ano)

Por mais de cinco séculos, pessoas pretas têm sido o alvo de uma série de violências sistêmicas que impactam suas vidas ao longo de gerações. Pessoas cujas potências e realizações foram apagadas dos nossos livros didáticos, pessoas sem as quais a grandiosidade do mundo que conhecemos hoje não seria possível. A partir do proposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais de 2004, acordamos para uma atuação mais coletiva e inédita. Em 2023, porém, essa atuação ainda é urgente, pois sabemos que o exercício pleno da cidadania ainda é racialmente segregado.

A partir dessa constatação, e com intuito de participar das orientações pedagógicas voltadas ao desenvolvimento das relações étnico-raciais, implementamos, neste ano de 2023, o projeto da Capoeira no 7º ano. O objetivo é estabelecer um novo olhar sobre o importante papel das pessoas pretas na formação da sociedade brasileira, fundamentado na reparação e na valorização das diferentes culturas.

Historicamente, os primeiros registros da Capoeira são do século XVIII. Ela só ganhou sua formatação atual a partir de 1930, com a descriminalização de sua prática e a sistematização do Mestre Pastinha, que liderou o movimento da Capoeira de Angola, afirmando categoricamente ser ela de origem africana. Em contraponto, nesse mesmo período, o Mestre Bimba cria a sua Luta Regional Baiana, chamada posteriormente de Capoeira Regional, de maior identificação a uma origem afro-brasileira. Embora se fale em contraponto, a prática de ambas as expressões têm revelado uma enorme convergência, chamada ancestralidade. Essa é a raiz de toda Capoeira, a ancestralidade, que conecta os alunos aos saberes e conhecimentos dos velhos mestres e faz germinar os fundamentos tão essenciais de sua prática, como o respeito, a disciplina e a liberdade.

Assim, para os jovens do 7º ano, buscamos, na prática da Capoeira, enfatizar os valores de noção êmica, que orientam a ética do capoeirista, baseados na ancestralidade e presentes na transmissão de conhecimentos e saberes de forma singela, direta e edificante. É na reverência ao que está sendo transmitido que se revela o elemento pedagógico apropriado para lidar com questões cruciais para a formação dos jovens educandos, como a valorização e a aceitação da diversidade, a deferência à autoridade e a compreensão da

construção cultural de um povo.

A vivência foi recebida com curiosidade e boa disposição. Aos poucos os jovens vão se soltando e experimentando esse lugar de alegria, de diversão e observação dos movimentos humanos. A intelectualidade nascente dos jovens e a sua ânsia por liberdade se beneficiam imensamente com o universo cultural e lúdico que a capoeira traz consigo, envolvendo o canto, o toque dos instrumentos e jogo corporal entre os participantes, onde a observação sobre o outro, a espontaneidade e a alegria tornam o pensar vivo e disponível ao aprendizado e ao convívio social. Ademais, além dos benefícios pessoais e coletivos que a capoeira proporciona, nossos jovens têm a oportunidade de enxergar e vivenciar uma arte criada pelo povo preto e, com isso, reconhecer seu protagonismo social e cultural.

Tem sido bonito observar como a ginga e as toadas trazidas pelo berimbau do Professor Diego Henrique têm conduzido os sentimentos e pensamentos de liberdade dos nossos jovens.



Nesse contexto, os gestos vão se refinando e a disciplina ganhando valor, pois, afinal, é ela que garante o exercício prático da liberdade. Enfim, a experiência da Capoeira em nossa Escola tem sido física e culturalmente plena de sentido, e desejamos que ela possa se ampliar e se desdobrar em todos os locais onde se pretende uma prática de educação antirracista realmente coletiva e inédita.



Modelagem do Vaso Grego

Ana Pezzutto
(Professora de Classe do 5º ano)

O pano de fundo do 5º ano é composto pela história de várias civilizações. Começamos pela Atlântida depois estudamos a Velha Índia, Pérsia, Mesopotâmia, Egito e Grécia.

Ao estudarmos a Grécia, realizamos o Projeto em que os alunos escolhem um vaso grego, desenham e depois o modelam na argila com belos ornamentos.

Este ano, o Projeto foi realizado nos dias 2 e 4 de outubro no ateliê

Quintal das Artes, com a condução da artística plástica Bia Minozzi.

Fomos a pé até o Ateliê. No primeiro dia os alunos modelaram o vaso escolhido. E no segundo, eles ornamentaram os vasos com os desenhos que tinham escolhido.

Ficou impresso no vaso o encantamento que cada um viveu no processo de criação. Atingiram ótimos resultados.



De Dentro para Fora, de Fora para Dentro

Priscila Catelli Dacorso (Professora de Classe do 7º ano)

A puberdade anuncia o nascimento da vida interior. Nasce, com isso, uma rica possibilidade de troca, que o jovem saudável vivencia de dentro para fora e de fora para dentro, tornando o olhar para o mundo, para o outro e para si mais sensível e permeável. Dessa forma, a viagem pedagógica que propomos ao 7º ano oferece o cenário perfeito para esse exercício de troca e para a aquisição de importantes habilidades socioemocionais. Troca essa que aconteceu em diversos níveis: entre os jovens, com a natureza e com a cultura exuberante do Vale do Ribeira.

“Fomos no Quilombo e tivemos a prova de que tinha gente lá há 400 anos, em uma igreja toda branca e azul feita de barro.” (Alessandra)

“[...] o que marcou de verdade foi como a nossa sala evoluiu e consegui ficar um minuto inteiro sem falar e sem se mexer na caverna. A classe conseguiu amadurecer muito desde o ano passado. Conseguimos ouvir os monitores e balancear a quantidade da fala[...]”. (Alice)

“Eu aprendi muitas coisas na viagem e me diverti muito também. Uma das coisas que eu mais gostei foi da cachoeira dentro da caverna, ou de aprender sobre os seres bioluminescentes. Gostei e achei incrível poder fazer artesanato com a fibra da bananeira. Mas com certeza uma das coisas que eu nunca vou esquecer vai ser a experiência de fazer um ‘blackout’ nas cavernas!” (Beatriz)

“Aprendi a andar no ‘boia cross’, foi muito legal! Aprendi que tem uma erva

que você passa na picada e ajuda muito... O palmito-juçara está em extinção, então tivemos que comer o pupunha.” (Bento)

“O que eu mais gostei foi de visitar as cavernas que tinham água; gostei de entrar na cachoeira e também de ter que passar pela água me segurando em uma cordinha.” (Bruno)

“Eu gostei de ir na caverna, mas tive medo da água fria.” (Fernanda Brandini)

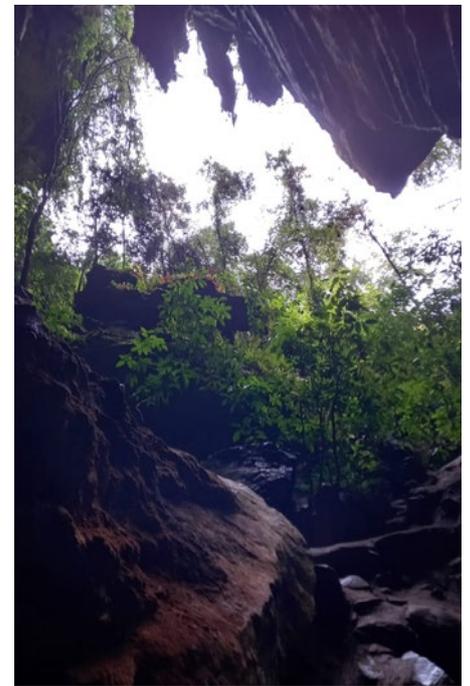
“Essa viagem me marcou muito, conheci uma reserva muito legal, vi cogumelos e seres ‘bioluminescentes’. Aprendi a fazer fogo e foi bem difícil, conheci várias cavernas, fui nadar em um rio que inclusive estava muito gelado.” (Fernanda Dalboni)

“Gostei de conhecer pessoas novas, como o José, motorista, as pessoas do Quilombo, os guias do Petar e os da Cordel. Também o Henrique, da reserva Betary e até o Douglas e os outros cachorros.” (Gael)

“Eu gostei muito da viagem ao Petar, principalmente das cavernas bem estreitas e escuras.” (Giuliano)

“Fomos em uma reserva ambiental e aprendemos sobre o alimento do futuro (proteína dos insetos), bioluminescência, aquários e anfíbios. Teve muitos desafios, tanto nas cavernas quanto no social, mas foi tudo bem e legal.” (Joana Rapisarda)

“[...] o que mais me marcou foram as cavernas: como elas são formadas e como elas eram abrigo para os nômades há milhões de anos. Achei muito interessante como são formadas as estalactites e como depois de passar



em lugares tão apertados se revela um salão cheio de formas desafiando a gravidade.” (Joanna Brandão)

“Eu aprendi sobre a antiga caça, pesca e flora e sobre a história do Quilombo Ivaporunduva. A caça era feita com madeira, árvores e cordas, e também uma mecânica mental gigante, para caçar mamíferos, felinos e aves.” (Liam)

“Eu gostei da parte do aquário do Instituto Biológico, porque eles construíram um lugar embaixo da terra que deu para ver o que tem dentro d’água.” (Luan)

“Eu gostei muito dessa viagem, foi super incrível e me marcou muito, porque eu nunca tinha visto na minha vida uma caverna. Quando eu entrei lá dentro, parecia que eu estava em um poço mágico.” (Marina)

“Eu aprendi muito a me organizar e a ajudar os amigos nessa viagem. Aprendemos muito no quilombo, plantando feijão, caçando animais, buscando ouro.” (Miguel)

“As cavernas me marcaram, porque tinham diversas: estreitas, com descidas, longas e cheia de águas.” (Pedro Alonso)

“Eu aprendi a ter mais coragem e determinação, a me molhar e a me aventurar, aprendi a silenciar e escalar, equilibrar e confiar mais em mim.” (Pedro Mascarenhas)

“Esta viagem foi muito interessante, ela nos deu a oportunidade de aprender várias coisas novas. Aprendemos várias coisas sobre as cavernas, como os espeleotemas, cortinas, etc.” (Theo)

“As coisas que eu mais gostei de aprender foram sobre a bioluminescência e as cavernas... Também aprendi sobre um inseto chamado tenébrio, que equivale a 2 bifés.” (Thomas)





Biografia

Fernanda Rapisarda (Tutora do 9º ano e professora de Inglês do Ensino Médio)

O processo da Biografia no 9º ano é longo e muito trabalhoso. Este ano foi particularmente intenso, com grande dedicação dos/as estudantes, que tomaram para si de forma exemplar o propósito de pesquisar com profundidade a vida das personalidades que escolheram, suas dificuldades e conquistas, até que chegassem em um ponto de destaque no mundo.

Isso trouxe para os/as jovens a vivência de como essas personalidades passaram pelos mesmos dilemas que qualquer um de nós enfrenta em nossas vidas, mas que conseguiram superá-los e contribuíram com algo



positivo para a humanidade, assim como eles e elas poderão fazer.

O/A jovem é um ser em busca. Busca o reconhecimento de suas ideias. Busca respeito pelo que sente e é. E, mais que tudo, busca construir sua identidade de forma íntegra. O projeto da Biografia deu a eles e elas a oportunidade de fazer perguntas autênticas sobre si e seu início de caminho no mundo, transformando tal busca em conhecimento ativo e consequente.

As apresentações dos trabalhos, entre os dias 29 e 31 de agosto, foram preciosas e muito elucidativas quanto às trajetórias pesquisadas, além de exprimirem desejos, interesses e preocupações que guiarão os caminhos que estão começando a ser trilhados por cada indivíduo do atual 9º ano. Trouxeram, ao mesmo tempo, leveza e profundidade para as almas e corações dos/as jovens e de todos/as que assistiram.

Parabéns!

“Eu tinha pensado que iria me engasgar muito mais com as palavras. Sem meus pais e minha orientadora eu ficaria muito perdido e extremamente mais desfocado. Apoiaram-me muito em casa, me fazendo trabalhar, e me



arranjaram um livro de Curitiba para trabalhar. Foi muito exaustivo, já que procrastinei e me arrependi por isso. Faltou organização de minha parte e talvez responsabilidade. A parte de criar um Power Point foi bem legal, mas trabalhosa, e ainda melhor, foi algo incrível, realmente único.” Rafael

“Quando fiquei sabendo da Biografia, pensei que seria mais fácil, que não era necessário um ano inteiro para fazer. Foi um processo de muita dificuldade e insegurança sobre mim, pensei em desistir várias e várias vezes. O que eu gostei foram as minhas superações tanto na escrita quanto na apresentação. Minha dificuldade maior foi escrever as 20 páginas, até porque nunca tinha escrito nem 10 páginas. Tive um aprendizado muito grande: nada é impossível de fazer, mas precisa de seu esforço.” Gustavo

Caminhada

Fernanda Rapisarda (Tutora do 9º ano e professora de Inglês do Ensino Médio)

A Caminhada com o 9º ano foi uma oportunidade única de contato com a natureza, trabalho em equipe e superação dos limites individuais e da Turma. Foram momentos inesquecíveis que mostraram a beleza e importância de cuidar de si e do outro com carinho e respeito, e que levaram a um intenso processo de autodesenvolvimento.

Inúmeros desafios físicos e emocionais foram vencidos com garra e determinação pelos alunos e alunas, fortalecendo a vontade e a capacidade individual de realizar! A superação contínua foi a marca dessa turma, e a cooperação foi constante; afinal, dificuldades vencidas em grupo são mais fáceis de ser elaboradas. Os quatro dias caminhando entre Piquete e Campos de Jordão (entre 03 e 06/10) revelaram preciosidades e desmistificaram obstáculos (reais e imaginários): um fortalecimento para toda a vida.

“Achei que iria ser uma coisa bem difícil, mas divertida; achei que todos iríamos conseguir, mas com um tanto de suor. E foi durante a caminhada que eu vi que estava certo: a mochila pesa-

da, o fedor, tudo te empurrando para desistir, pessoas chorando e outros querendo ir para casa; na verdade era um pouco pior do que eu pensei. Querendo ou não, foi uma das melhores experiências da minha vida, e eu, mesmo com o cansaço, aproveitei tudo. Adorei a caminhada.” Adrian

“A Caminhada, para mim, foi uma experiência incrível que eu vou levar com muito carinho para minha vida; eu senti uma conexão com essa turma de uma forma incrível, onde passamos dificuldades juntos, enfrentamos desafios, nos divertimos e eu aprendi muito sobre mim e sobre essas pessoas incríveis que eu tive a honra de conhecer nessa jornada conhecida como vida.” Laíssa

“Bem mais difícil do que pensei, nos fazendo quebrar nossos próprios limites em vários momentos, provando que nossa força nem sempre vem de carboidratos, e sim de adrenalina e confiança. Os momentos de mata fechada com certeza foram os mais desconfortáveis e difíceis.” Felipe



“Eu pensei que seria mais fácil, no 1º dia achei bem desconfortável, mas fui me adaptando e andando cada vez mais; salvei diversas vezes as pessoas de coisas que elas nem sabiam, escalei várias árvores; infelizmente não nadei, mas explorei o escuro e me enchi de comida boa. Em suma, adorei.” Theo

“Eu não gosto muito desse tipo de coisa, não queria ir por nadinha, mas fui. Coloquei na minha cabeça que desistir não era uma opção: Está cansada? Continua; e assim fui andando até o final, confiei um pouco nas pessoas, tive apoio e até alguns conflitos. Mas sozinha eu superei muitas coisas e contei com meus colegas; e não, não faria isso novamente.”



Trabalho Anual do 12º ano de 2023

Karina Muniz (Tutora do 12º ano)

Do medo, quero arrancar o domínio e dá-lo ao amor.

E quero crer no reino que existe em mim.

(Trecho do poema “Forjando a Armadura”, de Rudolf Steiner).

Imersos na força Micaélica que nos banha, principalmente no mês de setembro, os alunos do 12º ano apresentaram, nos dias 23 e 24 deste mês, seus Trabalhos Anuais.

Após um ano de pesquisa, estudo e dedicação, nasceu o fruto de uma vivência profunda e significativa que cada estudante se permitiu experimentar.



O processo do Trabalho Anual é intenso. Os alunos, que escolhem um tema para mergulhar, se veem muitas vezes num rodameio antagônico: ao mesmo tempo que a pesquisa alimenta a curiosidade e traz satisfação, surgem dúvidas e decepções não previstas nos planejamentos. O trabalho exige organização a longo prazo e um traçar de metas objetivo e concreto. Lidar com essas oposições e situações pode ser bastante desafiador.

Neste ano, os temas escolhidos dialogaram, de maneira genuína, com as verdades impressas em cada jovem. Compartilhar seus sentimentos, impressões e pontos de vista foi um ato de amor e coragem que estes jovens tiveram para com a comunidade. Gratidão, queridos!

Abaixo, alguns trechos que revelam um pouco da preciosidade dos aprendizados:

“Meu maior desafio foi vencer minha mente e acreditar que eu poderia ser capaz de fazer grandes coisas.”
(Ana Clara Prates da Fonseca)

“Neste trabalho, tive que lidar com o fato que precisava aprender a me organizar, lidar cara a cara com minha responsabilidade[...] A mudança sem-

pre me trouxe desconforto, mas quando aliada ao autoconhecimento, deixou de ser dolorosa e se transformou em libertadora.” **(Clara Demattio Genaro)**

“Que assustador é trilhar esse caminho. Repleto de pedras, descobertas pessoais, crises existenciais, reafirmações de vínculos, autoconhecimento... mas que bela e acalentadora é a paisagem da estrada... Eu pude observar árvores floridas e riachos escondidos banhados com a luz dos primeiros raios de sol da primavera; pude enxergar a beleza e o poder de um abraço, me permiti sentir o amor e amar incondicionalmente e libertei minha mente da Matrix que é viver nas arquibancadas, com a falsa sensação de segurança. Aprendi a me colocar na arena da vida, disposta a cair, mas sempre com coragem; a coragem que é inevitável quando eu escolho acreditar no Amor.” **(Estela Peruzin Honda)**

“Esse trabalho me ensinou muita coisa, coisas que eu jamais esperava aprender e vivenciar com um trabalho anual. Conheci pessoas que eu nunca vou esquecer, contatos que eu sei que ainda vou ter para um bom tempo da minha vida, trocas que eu vou levar para sempre, como uma lição de vida.” **(Kaik Okada Rodrigues de Oliveira)**

“É muito inspirador pensar o quanto uma pequena pedra tem um poder enorme. As pedras são silenciosas, delicadas ou brutas, ásperas, cada uma do seu jeito e sua forma, como nós, seres humanos” **(Luísa Menez Novinsky)**

“[o tema estudado] me fez notar mais semelhanças entre minha família e eu do que eu sabia antes do processo.



Me fez abrir os olhos para mim e me fez me enxergar de uma forma diferente[...] **(Maria Li Maita)**

“Depois de pensar bastante, concluo que o motivo principal da escolha do tema deste trabalho é minha busca em me relacionar com as pessoas que eu amo, procurando fazer com que elas me entendam e com que eu as entenda, independente do tipo de comunicação que for utilizado para isso. O ser humano precisa criar vínculos com os outros, aprender a se relacionar para viver e para amar.” **(Maria Beatriz de Oliveira Mazzoni)**

“Vejo que estamos acostumados a buscar muitas respostas e sentido nas coisas de forma racional, uma forma lógica. Claro, pode haver sentido de forma racional. Mas enquanto eu estive buscando um sentido completo para as coisas de uma maneira ‘lógica’, tudo no final acabava não fazendo sentido e se contradizendo. É como as crianças que perguntam o porquê de tudo; chega um momento que não temos uma resposta. Durante o processo, revivi um pouco do coração. A importância de “pensar” com ele. Nele, sinto que as coisas apenas são, não existe um sim e um não, só são. E isso é grandioso.” **(Mariana Ishida Tiba)**





Teatro do 11º ano - O Inspetor Geral

Miguel Garcia (Tutor do 11º ano)

“Meus senhores, eu convoquei essa reunião com as maiores autoridades da nossa província para lhes dar uma notícia muito desagradável: é iminente a chegada de um Inspetor Geral!”

A frase acima marca a abertura de O Inspetor Geral, a peça encenada pelo 11º ano entre os dias 1º e 4 de junho. E aqui eu serei obrigado a discordar do Governador Anton Antonovich, personagem que proclamou essas palavras. Para nós, a vinda desse Inspetor foi, em verdade, uma notícia imensamente agradável!

A peça tão maravilhosamente apresentada naqueles quatro dias foi apenas um reflexo de um processo maior, tão ou mais bonito que o espetáculo. Um processo que contou com diferentes momentos, desde a escolha do texto a ser encenado, passando pelo planejamento e montagem de cada detalhe do espetáculo, e

que culminou nas apresentações. Um processo do 11º ano com muita união, disposição e entrega, e com a ajuda e carinho de muita gente: as famílias, os professores, a equipe de dramaturgia, entre outros tantos.

O Inspetor Geral se passa na Rússia do começo do século XX, mas as semelhanças com a nossa realidade presente não são poucas. O texto, que contou com uma primorosa adaptação do diretor Leonardo Cortez, nos mostra, ainda que de forma leve e descontraída, vícios e hipocrisias de nossa sociedade. Mas mostra, tam-



bém, como a verdade pode sempre encontrar um meio de ser revelada. E é com essa busca de um mundo verdadeiro que o 11º segue a sua jornada, findado o desafio do Teatro.



Recado da Mantenedora e Administração

Agradecemos imensamente a disposição de participar da escolha, livre e consciente, entre as faixas de reajuste das contribuições 2024, o que fortalece a fraternidade econômica em nossa Comunidade.

Compartilhamos o resultado desse exercício com a transparência e a parceria de sempre para que possamos, cada vez mais, envolver todos nos temas do Orçamento Fraterno da nossa Escola.

Em um universo de 281 alunos (não incluímos o 12º ano e os alunos que já sinalizaram que não continuarão conosco em 2024), tivemos as seguintes adesões:

- Reajuste de 5,9%: 43%
- Reajuste de 7,9%: 25%
- Reajuste de 9,9%: 14%
- Reajuste > 10%: 4%

• Filhos de colaboradores e professores (isentos de contribuição): 12%*

*Obs.: contribuem apenas com a taxa de materiais escolares. Escolheram o reajuste da seguinte forma:

- Reajuste de 5,9%: 46%
- Reajuste de 7,9%: 28%
- Reajuste de 9,9%: 26%

O saldo positivo que tivemos é recebido com entusiasmo e gratidão, pois indica o engajamento, a doação e a ética social em nossa Comunida-

de. Sabemos que viabilizará recursos para projetos importantes, equilibrando a prosperidade da Escola e as condições das famílias, reiterando a contribuição por Faixas como boa prática no âmbito do Orçamento e da Gestão Compartilhada.

Maior clareza do impacto das adesões no Orçamento 2024 será possível no início do próximo ano – quando a equação número de matrículas versus porcentagem de adesão às Faixas estiver resolvida –, momento em que comunicaremos o alavancamento de recursos gerados pela iniciativa e os projetos que serão contemplados, dando continuidade ao diálogo.

A união e a parceria da Comunidade nos inspiram e nos impulsionam a seguir juntos!

Permanecemos à disposição para qualquer esclarecimento.

Salutar só é, quando
No espelho da alma humana
Forma-se toda a comunidade;
E na comunidade
Vive a força da alma individual.
Rudolf Steiner

Agenda



DEZEMBRO

2 e 3 - Oficina de Mala - 1º ano de 2024

2 - Sarau – 12º ano

6 - Dia de S. Nicolau

8 - Encerramento – EM

9 - Apresentação – EF Anos Iniciais

15 - Encerramento – EF

16 - Encerramento – EI e Formatura do 12º ano

19 - Início do Recesso Escolar

EXPEDIENTE

Comissão da Circular
Diagramação: Ricardo Tucci
Administração: Mara Cristina Tonini
Escola Waldorf São Paulo
Rua Baluarte, 111
Vila Olímpia | São Paulo - SP
CEP 04549-010 | Tel.: 30442000
e-mail: escola@waldorf.com.br.

